

**Intervenção do SCH Armando Parreira do CSFA nas comemorações do Dia Nacional do Sargento
na Voz do Operário, em Lisboa
2011**

**Homenagem aos Valorosos
Aos Homens, aos Militares Portugueses que tem sido o factor decisivo da mudança.**

Estimados Convidados
Camaradas

É inegável que os militares portugueses não se distinguem apenas através das acções que põem em movimento as armas e a técnica de guerra. Distinguem-se também pelos seus elevados princípios morais. Isto é, qualidade morais e combativas, revelando nas acções a sua inventiva, iniciativa e subtileza.

Nos primeiros tempos dos conflitos armados não existiam uniformes. Os soldados limitavam-se a usar o vestuário mais prático de que dispunham. Na I GUERRA MUNDIAL, pela primeira vez, cada Arma tinha o seu uniforme, e só os emblemas dos bonés e as divisas, distinguiam os soldados quanto ao Regimento e à graduação.

Na II Guerra Mundial os uniformes sofreram poucas modificações, mas o armamento, e a táctica, modificaram-se consideravelmente. Unidades do Exército, Marinha e Força Aérea combateram em Operações Combinadas.

Actualmente, os uniformes são práticos, primam pela simplicidade e resistência.

Ao estudar a história, vemos que sofreu transformações e que sofrerá no futuro outras mais. O estado actual é apenas uma transição entre as mudanças passadas e as futuras.

Camaradas

Hoje, quando comemoramos os 120 anos desde aquele dia de 31 de Janeiro de 1891, nós recordamos também a luta insistente dos militares, dos sargentos, em 1891, 1910 e 1974, sempre com o seu povo, para a criação de um sistema verdadeiramente democrático, de um projecto de sociedade que resolva as necessidades concretas do Povo português.

Ao longo dos tempos da nossa História, com total desprendimento e heroísmo, os militares, os sargentos, têm demonstrado uma alta moral social, um exemplo de alto patriotismo.

Esta é a verdade histórica.

E esta verdade – a verdade do papel decisivo dos militares das Forças Armadas Portuguesas, nunca, de maneira nenhuma, poderá ser apagada da memória dos povos de toda a Humanidade progressista.

Hoje, quando comemoramos 1891, a nossa consciência nos obriga a lembrar 1910 e, 1974 dos heroicos tempos dos homens sem sono.

Também hoje, tendo acumulado nova experiência histórica, sentimos que a desaceleração da Marcha foi habilidosa e subtilmente transformada em antecâmara da restauração de interesses e privilégios escusos.

É preciso relembrar a História, mas de maneira que se entenda e compreenda o estado a que se chegou, o que se está a passar neste momento da nossa vida colectiva. Portugal vive uma crise económica e social sem precedentes. São brutalmente imposto sacrifícios com constantes violações dos direitos e garantias constitucionais, a acção estatal não tem vido clareza e rectidão na prossecução de direitos e deveres mútuos.

Daí a insatisfação, o desencanto, a inquietude, por não se terem ainda cumprido os projectos que os homens com significado histórico, os militares, são capazes de viver por ideais.

As imagens construídas pelos militares, pelos sargentos, de coragem e coerência exemplares nas Revoluções Históricas de Portugal, para realizar as esperanças do povo português, são as linhas que têm norteado a sua posterior intervenção na sociedade, com vista à perservação do Património e Soberania e ao aprofundamento da democracia participativa, à construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

Daí o seu desejo pela manutenção dos seus saberes e da necessidade de honrar essa herança colectiva, assimilando os conhecimentos do passado para aproveitar de maneira crítica tudo o que é racional na herança.

Eles, os militares, os sargentos, de 1891, 1910 e 1974, estão vivos, vivos na memória reconhecida do nosso povo. Nós estamos infinitamente reconhecidos. Hoje há melancolia. Mas sobrevem a esperança da mudança.

Um dia vai mudar, não sabemos é quando.

Viva o 31 de Janeiro. Viva Portugal Democrático.

Viva a ANS.